

O corpo entre o empreendedorismo de si e as patologias contemporâneas do gozo

Julio Cesar Lemes de Castro¹

¹ Pesquisador da ECO-UFRJ e do Latesfip-USP
julio@jclcastro.com.br

Resumo

A passagem da sociedade disciplinar, característica da modernidade, à sociedade neoliberal contemporânea é acompanhada de mudanças importantes do ponto de vista da economia psíquica e, paralelamente, do estatuto do corpo. A primeira parte deste artigo aborda o corpo esvaziado de gozo, submetido às normas do regime disciplinar – um corpo excessivamente determinado pelo simbólico. A segunda enfoca o corpo inflado de gozo, instado a construir-se na linha do empreendedorismo neoliberal – um corpo excessivamente investido pelo imaginário. A terceira destaca o corpo inundado de gozo das patologias típicas de nossa época – um corpo excessivamente invadido pelo real.

Palavras-chave: corpo; sociedade disciplinar; neoliberalismo; empreendedorismo de si; patologias do gozo.

Abstract

The passage from the disciplinary society, characteristic of modernity, to the contemporary neoliberal society is accompanied by important changes from the point of view of the psychic economy and, in parallel, of the statute of body. The first part of this article discusses the body emptied of enjoyment, subject to the norms of the disciplinary system – a body excessively determined by the symbolic. The second focuses on the body inflated with enjoyment, urged to construct itself in the line of neoliberal entrepreneurship – a body excessively invested by the imaginary. The third highlights the body flooded with enjoyment of the typical pathologies of our time – a body excessively invaded by the real.

Keywords: body; disciplinary society; neoliberalism; entrepreneurship of the self; pathologies of enjoyment.

Os limites da disciplina e o corpo simbólico

O exercício de poder nas instituições disciplinares, assinala Foucault, mira sobretudo as atividades corporais: “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram o assujeitamento constante de suas forças e que a eles impõem uma relação de docilidade-utilidade, é isso que podemos chamar de ‘disciplinas’”². Em outras palavras, a disciplina envolve a obediência sistemática a normas emanando de um poder externo e a inscrição dessas normas por meio de atividades padronizadas com uma orientação produtiva, o próprio sujeito e seu corpo normatizado sendo produzidos enquanto tais na operação. Em Lacan, o corpo simbólico corresponde ao corpo humano enquanto tal, distinto do organismo animal, submetido à linguagem e à lei e por isso esvaziado de gozo, ou seja, o corpo mortificado pelo significante. Para usar o jogo de palavras de Lacan³ entre dois vocábulos com a mesma raiz etimológica, *corps* (corpo, em francês) é tomado aqui como *corpse* (cadáver, em inglês). No contexto disciplinar, temos uma intensificação dessas determinações do corpo pelo Outro – um sacrifício do real pulsional em prol do simbólico.

² FOUCAULT, *Surveiller et punir*, p. 161.

³ LACAN, “Radiophonie”, p. 409.

No início da modernidade, a disciplina, impulsionada pelo protestantismo, cumpre a função de organizar as massas urbanas⁴. Com o desenvolvimento da manufatura e da indústria, o corpo é moldado a ponto de mecanizar-se, de tornar-se um instrumento: “Um trabalhador que executa durante toda a sua vida uma única operação simples transforma seu corpo inteiro em órgão automático unilateral dessa operação”⁵. No início do século XX, passos adicionais nessa direção são dados com o taylorismo (a chamada administração científica, que leva ao limite a decomposição do trabalho em tarefas e a programação dos movimentos associados a cada tarefa) e o fordismo (que integra tais tarefas à linha de montagem e subordina o trabalhador ao ritmo desta), satirizados por Chaplin no filme *Tempos modernos* (*Modern times*, 1936).

Em termos psíquicos, poderíamos dizer que o regime disciplinar pressupõe a ação de um supereu repressivo, descrita por Freud, a qual assegura a adesão às normas. Topologicamente, o supereu equivale ao posto de vigilância no alto da torre do panóptico de Bentham, modelo de funcionamento das instituições disciplinares. É verdade que Foucault questiona o que ele denomina como “hipótese repressiva”⁶ da psicanálise, concebendo a operação disciplinar como uma construção. Mas esse aspecto construtivo também está presente nas formulações psicanalíticas, que embutem as normas disciplinares no ideal do eu, desdobramento do supereu que consiste num modelo adaptado a cada uma das instituições. O ideal do eu envolve a dimensão da falta, pois requer algum tipo de renúncia, de sacrifício, de perda no plano pulsional: enquanto a pulsão é caótica, o corpo disciplinado é ordenado. Dessa forma, o ideal do eu oferece um contraponto à perfeição embutida no eu ideal, desenvolvido a partir da imagem especular do corpo, instituindo um limite ao eu ideal. Ou seja, o simbólico impõe restrições não apenas ao real, mas também ao imaginário.

As características da sociedade disciplinar estão diretamente relacionadas ao que Freud chama de “nervosidade moderna”⁷. As patologias prevalentes inscrevem-se no paradigma da neurose, marcado pela dualidade entre o permitido e o proibido, pelo embate contínuo com a lei – a disputa entre Eros e civilização, para retomar o título da obra de Marcuse⁸. Nesse confronto, o sentimento de culpa tem papel preponderante, alimentando a repressão e a constituição do inconsciente. Ora, de acordo com o modelo que Lacan elabora

⁴ GORSKI, *The disciplinary revolution*.

⁵ MARX, *Das Kapital*, p. 359.

⁶ FOUCAULT, *Histoire de la sexualité 1*.

⁷ FREUD, “Die ‘kulturelle’ Sexualmoral und die moderne Nervosität”.

⁸ MARCUSE, *Eros and civilization*.

nos anos 1950, formalizando as intuições de Freud com a ajuda das contribuições da linguística de Saussure e Jakobson, o inconsciente estrutura-se como linguagem. Com isso, a estruturação da sociedade disciplinar tende a reproduzir-se nas patologias que ela engendra. O conteúdo reprimido retorna sob a forma de formações de compromisso e sintomas, que têm aspecto metafórico, operando como se fossem fenômenos de linguagem, mesmo quando incidem no corpo, como as conversões histéricas. Por outro lado, a falta impulsiona o desejo, que se desloca no eixo da metonímia. No caso da neurose, trata-se de um desejo falhado (que não dialetiza a falta), atuando na prática como coadjuvante da proibição. As patologias neuróticas são tipicamente patologias do desejo: o desejo impossível, no caso da neurose obsessiva, e o desejo insatisfeito, no caso da histeria. Diante da normatividade simbólica, o real manifesta-se no gozo acoplado ao sintoma, e o imaginário na fantasia subjacente ao desejo.

O empreendedorismo de si e o corpo imaginário

Na sociedade neoliberal não se coloca mais, em princípio, a adesão a modelos normativos. O sujeito aparentemente assume maior iniciativa, passando a ser visto, como argumenta Foucault, como empreendedor de si mesmo⁹. Estimula-se o investimento de cada um em seus próprios atributos físicos, psíquicos e intelectuais por intermédio das técnicas de si, identificadas anteriormente por Foucault na cultura antiga¹⁰. Isso envolve uma valorização do desempenho, ou “culto da performance”¹¹, nos termos de Ehrenberg, em diferentes esferas da vida, inclusive a corporal.

Já no liberalismo o corpo tem um estatuto fundamental. Para Locke, que se tornou conhecido como pai do liberalismo, cada ser humano detém a propriedade de sua pessoa, “à qual ninguém tem algum direito a não ser ele mesmo”¹². A mesma ideia aparece em John Stuart Mill: “Sobre si mesmo, sobre seu próprio corpo e mente, o indivíduo é soberano”¹³. O liberalismo proclama desse modo a inviolabilidade do indivíduo, tomado literalmente como alguém cujo corpo não poderia ser dividido, ou seja, alguém de quem nem mesmo o monarca poderia dispor a seu bel-prazer. Ao mesmo tempo, fundamenta-se de forma aparentemente natural o direito à propriedade privada, num contexto de ascensão do capitalismo. Tal direito

⁹ FOUCAULT, *Naissance de la biopolitique*.

¹⁰ FOUCAULT, *Dits et écrits, II*, p. 1602-1632.

¹¹ EHRENBERG, *Le culte de la performance*.

¹² LOCKE, *Two treatises of government*, p. 287.

¹³ MILL, *On liberty*, p. 81.

abrangeria igualmente, segundo Locke, os produtos do trabalho enquanto extensões do corpo: quando os objetos estão no estado natural, qualquer um pode fazer uso deles; uma vez transformados, porém, eles passam a pertencer a quem neles investiu seu trabalho.

No neoliberalismo, há de certa forma uma retomada da associação liberal entre corpo e propriedade. Se em Marx o corpo é considerado como força de trabalho, do ponto de vista neoliberal ele desloca-se para o polo oposto, passando a integrar o que economistas como Becker, recipiente do Prêmio Nobel em 1992, chamam de capital humano¹⁴. A saúde, por exemplo, faz parte desse capital, sendo mensurável monetariamente na medida em que influencia o desempenho profissional e a expectativa de vida. Cálculos econômicos são utilizados, nessa área, não apenas por instâncias exteriores, mas pelos próprios sujeitos envolvidos, por exemplo quando adotam comportamentos de risco diante de situações de expectativa de vida reduzida, ou quando se descuidam da prevenção contra uma doença vista como facilmente tratável.

Em termos psíquicos, o supereu repressivo freudiano dá lugar ao supereu que ordena o gozo, segundo Lacan: “O supereu é o imperativo do gozo: Goza!”¹⁵ Esse supereu obscuro desdobra-se num ideal do eu no qual a dimensão da falta é eclipsada: o sujeito é instado a obter sua realização como se tudo lhe fosse possível, bastando querer. Ou seja, tende a estabelecer-se aqui uma falta da falta, uma negação da castração. O ideal não aparece como modelo determinado, mas como a normatividade dinâmica do “mais, ainda”, exigindo que se vá sempre além. Se, no esquema freudiano, interpretado por Lacan, o ideal do eu circunscreve o eu ideal, impondo-lhe um limite, nos arranjos psíquicos contemporâneos é como se ele se adaptasse ao eu ideal, impondo-lhe não um limite, mas uma extensão permanente. Com o relaxamento das restrições associadas ao ideal do eu, o eu ideal cultiva a perfeição – basta ver a imagem de si que cada um projeta, por exemplo no Facebook, que, como outras redes sociais, funciona como um dispositivo para a promoção do eu ideal. Mas esse eu ideal tem uma certa fragilidade, pois a completude possibilitada pela negação da falta é artificial e nem sempre se sustenta.

O imperativo do gozo e o empreendedorismo de si, detectados com pequeno intervalo, nos anos 70, respectivamente por Lacan (no *Seminário XX*, de 1972-1973) e Foucault (no curso de 1978-1979 no Collège de France), conjugam-se de diversas formas. Em outros tempos, o esforço dos protestantes para realizar sua vocação (*Beruf*, que tem a conotação de

¹⁴ BECKER, *Human capital*.

¹⁵ LACAN, *Le séminaire, livre XX*, p. 10.

“chamado”) encarnava-se numa ética do trabalho que, através da sinalização dos prospectos de salvação futura, sustentava o sacrifício pulsional – a ascese protestante “se volta com força total principalmente contra uma coisa: o gozo *descontraído* da existência e do que ela tem a oferecer em alegria”¹⁶. Em contraposição, o “novo espírito do capitalismo” que floresce após Maio de 1968, segundo Boltanski e Chiapello¹⁷, incorpora a “crítica artística” à alienação do trabalho, enfatizando uma maior liberdade pulsional no próprio contexto laboral. Paralelamente, a influência da contracultura, como demonstra Frank¹⁸, injeta igualmente uma maior liberdade pulsional no mundo do consumo. Na sociedade contemporânea, a busca de performance constitui em si mesma uma fonte de gozo, e ainda que ela redunde em fracasso isso é acompanhado de um gozo do tipo depressivo. A performance também funciona como instrumento que torna possível o gozo: como soem proclamar as mensagens publicitárias, investimentos no corpo, por exemplo através de dietas e academia, teoricamente corresponderiam a um incremento de beleza visual e assim facilitariam a atração de parceiros de gozo. Por outro lado, o imperativo do gozo pode ser associado a uma forma de desempenho, pois este se traduz, entre outras coisas, em ser mais feliz e obter maior satisfação. O sucesso de super-remédios como Prozac e Viagra evidencia isso, pois eles equacionam o gozo em termos de um certo tipo de rendimento afetivo e sexual. Também o discurso midiático sobre a sexualidade, apoiando-se em médicos e terapeutas, contabiliza as variáveis envolvidas no ato sexual em busca da performance ideal. Nessa linha, Laval e Dardot propõem pensar num dispositivo “rendimento-gozo”¹⁹, na medida em que eles funcionam em continuidade, como duas faces da mesma moeda.

Se a imagem especular do corpo, como mostra Lacan em sua teorização sobre o estádio do espelho²⁰, é o núcleo a partir do qual se desenvolve o imaginário, o corpo também é suporte privilegiado para a constituição do eu ideal. O corpo idealizado é o corpo imaginário. Face às injunções de performance e de gozo, não há limites para que o corpo seja modulado de diferentes maneiras. Com frequência nos deparamos no noticiário com casos extremos, como o de pessoas que têm todo o seu corpo recoberto de tatuagens, ou que se submetem a cirurgias para tornarem-se uma “Barbie humana” ou um “Ken humano”. Cabe também levar em conta o impacto da ciência. A propósito das invenções técnicas que

¹⁶ WEBER, *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, p. 151-152, destaque do autor.

¹⁷ BOLTANSKI; CHIAPELLO, *Le nouvel esprit du capitalisme*.

¹⁸ FRANK, *The conquest of cool*.

¹⁹ LAVAL; DARDOT, *La nueva razón del mundo*.

²⁰ LACAN, “Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je”.

expandem os órgãos sensoriais ou motores, Freud observa: “O que o homem, através de sua ciência e tecnologia, produziu nesta Terra não apenas soa como um conto de fadas, mas é a realização direta de todos – ou quase todos – os desejos de contos de fadas”²¹. Nas últimas décadas, a ciência tem estendido continuamente o alcance das intervenções corporais, na forma por exemplo de próteses de todo tipo. Mesmo as características sexuais tornam-se passíveis de ser alteradas através de cirurgias de redesignação de gênero. A tendência à superação de limites encontra eco em certas expressões: o biólogo Julian Huxley, irmão mais velho de Aldous Huxley, propõe um “transumanismo”²²; mais recentemente, passa-se a falar em “ciborgue”²³ e “pós-humano”²⁴.

O imaginário diz respeito não apenas à aparência do corpo, mas também às imagens produzidas a partir dele. Assistimos na atualidade a uma verdadeira virtualização do corpo. Dispositivos técnicos permitem mostrar diversos tipos de imagens do interior do corpo; antes mesmo do nascimento, os contornos do bebê no ventre da mãe são captados e exibidos por ultra-sonografia. Mas é certamente a imagem exterior do corpo que se torna o maior alvo de investimento. Sontag observa que a fotografia tem “muitos usos narcisistas”²⁵; um exemplo atual é a moda do *selfie*, ou auto-retrato. Embora esteja longe de ser algo novo (o primeiro *selfie* conhecido foi um daguerreótipo que Robert Cornelius fez de si mesmo em 1839), o fenômeno populariza-se no período recente: o próprio termo, usado pela primeira vez em 2002, na Austrália, é em 2012 uma das “dez palavras da moda”, segundo a revista *Time*, e em 2013 a “palavra do ano”, de acordo com o *Oxford English Dictionary*. Essa popularidade é estimulada pelas redes sociais, elas próprias um canal privilegiado para manifestações narcisistas, propiciando que os usuários troquem validações e recompensas por meio de “curtidas” mútuas.

Espécime destacada do imaginário corporal é o corpo-espetáculo que aparece na mídia. Se o corpo é “o mais belo objeto de consumo”²⁶, ele não aparece de maneira uniforme na publicidade, que privilegia corpos saudáveis e atléticos mas também pode trazer, no caso de certos anúncios de moda, corpos esqueléticos com olhares emaciados. Competições esportivas exibem performances corporais por vezes no limite, como nos esportes radicais, e

²¹ FREUD, *Das Unbehagen in der Kultur*, p. 450.

²² HUXLEY, *New bottles for new wine*, p. 17.

²³ HARAWAY, *Simians, cyborgs, and women*.

²⁴ HAYLES, *How we became posthuman*.

²⁵ SONTAG, *On photography*, p. 130.

²⁶ BAUDRILLARD, *La société de consommation*, p. 199.

com frequência traduzidas em dados numéricos detalhados. *Reality shows* tipo *Survivor* testam corpo e mente em situações de sobrevivência ambientadas em locais exóticos. Em programas de transformação na linha de *Extreme makeover*, pessoas comuns são submetidas a um processo de mudanças físicas radicais envolvendo cirurgias plásticas, regimes de exercícios, dietas, cortes de cabelos e renovação de guarda-roupa.

As patologias contemporâneas do gozo e o corpo real

O declínio da repressão pode ter um potencial aparentemente libertador, mas trata-se de uma ilusão, adverte Lacan. A fantasia de um gozo que seria possível, não fora a proibição, está presente na ideia exposta por Dostoiévski em passagens como essa de *Os irmãos Karamázovi*: “Mas então, que se tornará o homem, sem Deus e sem imortalidade? Tudo é permitido, por consequência, tudo é lícito?”²⁷ Sartre condensa essa ideia numa fórmula que se tornou mais conhecida, embora não esteja presente literalmente no romance: “Se Deus não existe, tudo é permitido”²⁸. Trata-se, contudo, assevera Lacan, de uma “noção evidentemente ingênua, pois nós analistas sabemos bem que, se Deus não existe, então nada é permitido. Os neuróticos não-lo demonstram todos os dias”²⁹. O corolário disso é que “a morte do pai, na medida em que faz eco a esse enunciado de centro de gravidade nietzschiano, a esse anúncio, a essa boa nova, de que Deus está morto, não me parece, longe disso, de natureza a liberar-nos”³⁰.

Na verdade, face à injunção dupla da performance e do gozo, o sujeito tende a desenvolver novos tipos de patologias, que não se enquadram no paradigma tradicional da neurose, associado à repressão e ao desejo, e que poderiam ser chamadas de patologias contemporâneas do gozo. Elas representam manifestações de recusa do sujeito face às injunções externas, seja por retirar-se do jogo, como na depressão e no pânico, seja por invalidar o jogo levando-o ao limite, como na drogadição e na anorexia. Uma formulação de Deleuze é elucidativa nesse ponto: “A anorexia é uma política, uma micropolítica: escapar às normas do consumo para não ser objeto de consumo”³¹. É verdade que essa recusa é ambígua, lembrando o famoso conto de Melville sobre Bartleby, um escrevente de escritório que, a partir de um dado momento, passa a enunciar em todas as circunstâncias uma negação

²⁷ DOSTOIÉVSKI, *Os irmãos Karamázovi*, p. 958.

²⁸ SARTRE, *Qu'est-ce que la littérature?*, p. 197n.3.

²⁹ LACAN, *Le séminaire, livre II*, p. 156.

³⁰ LACAN, *Le séminaire, livre XVII*, p. 138.

³¹ DELEUZE; PARNET, *Dialogues*, p. 132.

oblíqua, condensada no mantra “*I would prefer not to*” (“Eu preferiria não fazer”)³². Assim, o deprimido reage à euforia da sociedade do espetáculo a sua volta através do mergulho num gozo mortífero, enquanto o anoréxico responde às exigências sociais em torno do corpo através de uma hiperidentificação mórbida com elas. Se a performance neoliberal é acompanhada de gozo, o mesmo acontece com sua recusa, na forma das patologias do gozo. Trata-se de uma recusa ineficaz enquanto tal, por confirmar por linhas tortas o paradigma contra o qual se insurge, mas que de todo modo contribui para tensionar esse paradigma. Se a neurose tipicamente coloca em foco o conflito com um supereu repressivo, nessas patologias aparece de alguma maneira o conflito com o novo tipo de pressão oriundo do supereu, mas em circunstâncias diferentes: o primeiro conflito é mais evidente, enquanto o segundo é mais disfarçado.

Diferentemente também do que ocorre nas neuroses tradicionais, as manifestações das patologias do gozo não costumam ter um aspecto metafórico, de linguagem, isto é, diferenciam-se dos sintomas clássicos. Sua incidência dá-se diretamente através do ato, numa espécie de curto-circuito que dispensa a mediação simbólica. Quando se elide a falta, o que apareceria normalmente como desejo passa a impor-se como necessidade – e é como tal que o ato, seja em sua ausência acediosa, como na depressão, seja em sua presença frenética, como nas compulsões e adições, parece mobilizar o corpo. Este apresenta-se agora principalmente como corpo real, na forma do que Lacan denomina “acontecimento de corpo”³³. Há uma tendência a uma ancoragem do sujeito por intermédio desses acontecimentos, que fazem suplência às deficiências do simbólico.

Vale notar que as patologias do gozo não substituem simplesmente as neuroses clássicas, e tampouco eliminam as estruturas em geral, mas pressupõem maior flexibilidade destas. Os novos sintomas muitas vezes se superpõem às estruturas, a elas acrescentando um complicador suplementar, de forma que eles exibem um caráter menos nítido, fronteiras mais porosas. A neurose obsessiva, por exemplo, é classicamente o retorno do reprimido na mente (em contraste com a histeria, que é o retorno do reprimido no corpo), mas nela os sintomas corporais tendem agora a ser mais comuns, ainda que se trate de sintomas cujo vínculo com a neurose obsessiva seja mais evidente (como os problemas no aparelho digestivo), como observa Fink³⁴. Vemos também o surgimento de novas categorias clínicas para dar conta dos novos sintomas, figurando como instâncias intermediárias entre a neurose e a psicose, como é

³² MELVILLE, “Bartleby, the scrivener: a story of Wall-Street”.

³³ LACAN, “Joyce le Symptôme”, p. 569.

³⁴ FINK, *A clinical introduction to Lacanian psychoanalysis*, p. 115.

o caso da personalidade *borderline* e da psicose ordinária, nas quais se evidenciam os problemas na relação com o corpo próprio. Nas patologias do gozo também pode intervir algo na linha do mecanismo da *Verleugnung* (desmentido), normalmente associado à perversão. Por exemplo, quando uma anoréxica, mesmo esquelética, se vê gorda diante do espelho, trata-se de uma crença que se sustenta apesar da percepção, desmentindo-a na prática.

Embora as patologias contemporâneas do gozo envolvam um certo componente de recusa, de conflito, como foi argumentado anteriormente, elas tendem a ser retratadas de outra forma pela visão hoje hegemônica na psiquiatria. O que se enfatiza é a insuficiência do sujeito frente aos padrões de desempenho vigentes, a impotência em adequar-se a eles. Trata-se, de acordo com esse ponto de vista, não apenas de um déficit, mas de um déficit passível de ser medido. Seguem-se, para tanto, os critérios estabelecidos no *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (DSM), em português *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*, publicado pela American Psychiatric Association (APA), e na *International statistical classification of diseases and related health problems* (ICD), em português *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados com a saúde* (CID), publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Isso significa que a psiquiatria passa a orientar-se pela mesma injunção de performance característica do neoliberalismo em geral. Na medida em que tais patologias são associadas a um déficit, isso funciona como justificativa para a medicalização, entendida como a solução natural para superar o déficit. Ou seja, se nessas patologias tende a ocorrer um curto-circuito do simbólico, os sintomas manifestando-se diretamente no corpo, a psiquiatria perfaz analogamente um curto-circuito do sujeito, tratando-as como manifestações de desequilíbrios químicos no cérebro. Diagnóstica e terapêutica inserem-se assim num modelo de gestão do sofrimento que reafirma os valores dominantes do neoliberalismo e elude a dimensão de crítica social que esse sofrimento denuncia.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. *La société de consommation: ses mythes, ses structures*. Paris: Denoël, 1970.
- BECKER, Gary S. *Human capital: a theoretical and empirical analysis, with special reference to education*. 3rd ed. Chicago and London: University of Chicago Press, 1993.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard, 1999.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Dialogues*. 2e éd. augmentée. Paris: Flammarion, 1996.
- DOSTOÏÉVSKI, Fiódor M. Os irmãos Karamázovi. In: *Obra completa, vol. IV*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1963. p. p. 489-1101.
- EHRENBERG, Alain. *Le culte de la performance*. Paris: Calmann-Lévy, 1991.

- FINK, Bruce. *A clinical introduction to Lacanian psychoanalysis: theory and technique*. Cambridge (MA) and London: Harvard University Press, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard, 1975.
- _____. *Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976.
- _____. *Dits et écrits, II: 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001.
- _____. *Naissance de la biopolitique: cours au Collège de France, 1978-1979*. Paris: Gallimard/Seuil, 2004.
- FRANK, Thomas C. *The conquest of cool: business culture, counterculture, and the rise of hip consumerism*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1997.
- FREUD, Sigmund. Das Unbehagen in der Kultur. In: *Gesammelte Werke, vierzehnter Band: Werke aus den Jahren 1925-1931*. London: Imago, 1948. p. 419-506.
- _____. Die "kulturelle" Sexualmoral und die moderne Nervosität. In: *Gesammelte Werke, siebenter Band: Werke aus den Jahren 1906-1909*. 4. Aufl. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1966. p. 141-167.
- GORSKI, Philip S. *The disciplinary revolution: Calvinism and the rise of the state in early modern Europe*. Chicago and London: University of Chicago Press, 2003.
- HARAWAY, Donna J. *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature*. New York: Routledge, 1991.
- HAYLES, N. Katherine. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1999.
- HUXLEY, Julian. *New bottles for new wine*. London: Chatto & Windus, 1957.
- LACAN, Jacques. Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. p. 93-100.
- _____. *Le séminaire, livre XX: encore*. Paris: Seuil, 1975.
- _____. *Le séminaire, livre II: le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978.
- _____. *Le séminaire, livre XVII: l'envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1991.
- _____. Radiophonie. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001a. p. 403-447.
- _____. Joyce le Symptôme. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001b. p. 565-570.
- LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. *La nueva razón del mundo: ensayo sobre la sociedad neoliberal*. Traducción de Alfonso Diez. Barcelona: Gedisa, 2013.
- LOCKE, John. *Two treatises of government*. student ed. Cambridge (UK), New York, Port Melbourne, Madrid and Cape Town: Cambridge University Press, 1988.
- MARCUSE, Herbert. *Eros and civilization: a philosophical inquiry into Freud*. Boston: Beacon Press, 1966.
- MARX, Karl. Das Kapital: Kritik der Politischen Oekonomie, Buch I – der Produktionsprozess des Kapitals. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Werke, Bd. 23*. Berlin: Dietz, 1962.
- MELVILLE, Herman. Bartleby, the scrivener: a story of Wall-Street. In: *Melville's short novels*. New York and London: W. W. Norton, 2002. p. 3-34.
- MILL, John Stuart. *On liberty*. New Haven and London: Yale University Press, 2003.
- SARTRE, Jean-Paul. *Qu'est-ce que la littérature?* rééd. Paris: Gallimard, 1986.
- SONTAG, Susan. *On photography*. New York: Rosetta, 2005.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.